

Aprender a conviver: desafios da Inclusão

Andréa Cassia de Oliveira Valente*
Orientador: Prof. Sérgio de Freitas Oliveira **

Quando estudamos os quatro pilares da educação, de imediato temos a informação de que se referem a quatro princípios cujo objetivo é promover a educação como desenvolvimento humano, ou seja, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e, finalmente, aprender a ser. Gostaria, no entanto, de chamar a atenção mais especificamente para um desses pilares: o aprender a conviver. Diante do desafio da inclusão e da violência crescente em nossas escolas e não me refiro apenas à violência física como podemos trabalhar de forma a ajudar nossas crianças e nossos jovens a cultivarem o respeito, o ouvir, o aproximar-se, a partilha, a cooperação, a solidariedade? Como prepará-los para conviver?

A questão da inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) nas escolas comuns vem ganhando uma dimensão cada vez maior à medida que o tempo avança, mas, infelizmente, não podemos fechar nossos olhos para um problema que também vem ganhando uma grande dimensão nos últimos tempos: a questão da violência física e, principalmente, verbal.

Quando crianças em fase escolar, acredito que grande parte dos que leem este artigo sofreram algum tipo de violência verbal através de apelidos pejorativos que, infelizmente, marcaram negativamente, provocando transtornos, tristezas e até mesmo consequências mais graves que ainda perduram na fase adulta.

A história da humanidade sempre foi cercada de conflitos, desde os mais complexos, como as guerras pela disputa de terras e de

petróleo, até as pequenas brigas de vizinhos, de família e de trânsito, mas não menos importantes, já que estas também podem trazer grandes consequências. São feridas antigas abertas pela humanidade devido ao preconceito, à arrogância, à sede de poder. É sabido que devemos trabalhar nossos alunos de forma a criar situações ou aproveitar as já existentes para desenvolver neles o espírito de comunidade e de respeito para que, juntos, possam avançar vencendo as diferenças e os conflitos.

Rubem Alves, por meio de uma metáfora, nos diz: "Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses." A escola tem um papel importantíssimo nesta fase do aprender a conviver, mas a participação da família se faz tão importante quanto.

Em uma reportagem recente de Vanda Sampaio e Adilson Oliveira (MGTV, 01/06/2010), uma adolescente de 14 anos disse à repórter que a entrevistava: "*Meu pai já é mais assim, caçou briga com você, você não deixa baixo! E se bater, você bate também.*"

A escola, muitas vezes, se omite talvez por ainda acreditar que os apelidos pejorativos não prejudiquem tanto. É necessário um preparo adequado de todo o corpo docente, dos alunos e da família quando da inclusão de alunos com NEE, para que estes não venham a sofrer com a exclusão dos colegas e, muito menos, com agressões verbais do tipo *ceguinho, retardado, surdinho* etc.

A educação não pode servir apenas como um instrumento do egoísmo na dominação de outros. É necessário que a educação,

*Aluna do Curso de Pedagogia com Aprofundamento em Necessidades Educacionais Especiais da PUC Minas.

**Psicopedagogo. Professor do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

tanto escolar quanto familiar, prepare nossas crianças e nossos jovens para amar, saber servir, trabalhar em comunhão, ao contrário do que prega nossa sociedade, que incentiva cada vez mais o clima de concorrência, a disputa para mostrar quem é o melhor, quem é o primeiro. O aluno com NEE, por sua vez, não raras vezes, também sofre a violência por parte da própria família que não consegue aceitar suas limitações e deseja que ele seja igual a todos os outros. Nesse contexto, temos ainda alguns professores que não acreditam na inclusão e preferem se manter neutros, sem atitudes, o que também é um tipo de violência contra o aluno com NEE.

Como agir? Como encontrar o caminho? O que podemos fazer para que essa situação possa ser alterada?

É imperioso buscar um caminho que possa promover, desde a mais tenra idade, o espírito de comunidade, cooperação, respeito e solidariedade em nossas crianças.

Acredito que, se buscarmos no mais íntimo de nosso ser, a imagem do mundo que desejamos construir, seja este a nossa casa, a nossa escola, o nosso bairro, o nosso país, encontraremos sim o caminho para alcançarmos a realidade de um mundo mais humano no qual todos tenham uma vida digna, todos se respeitem e sejam tratados como iguais.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Os Quatro Pilares**. São Paulo: Paulus, 2008. DVD, 4 v.

DELORS, Jacques. **Educação. Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 2001.